

# ALIX E. HARROW

*Tradução de Sara Orofino*



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2024



## APRESENTAÇÃO

Não existe essa coisa de bruxas, mas costumava existir. O ar era tão denso de magia que era possível sentir seu gosto na língua, como se fossem cinzas. Bruxas espreitavam em cada floresta emaranhada de árvores, e esperavam em cada encruzilhada à meia-noite, com sorrisos repletos de dentes afiados. Elas conversavam com dragões nos topos solitários de montanhas, e flutuavam em vassouras de sorveira-brava durante as luas cheias. Encantavam as estrelas para que dançassem ao lado delas no solstício, e marchavam para a batalha com espíritos familiares em seus enalços. Houve um tempo em que as bruxas eram selvagens como corvos e destemidas como raposas, porque a magia queimava, radiante, e a noite pertencia a elas.

Mas então vieram a peste e os expurgos. Os dragões foram assassinados, as bruxas foram queimadas e a noite passou a ser de homens com tochas e cruzeiros.

A bruxaria não desapareceu completamente, é claro. Minha avó, Mama Mags, diz que nunca conseguirão acabar com a magia, porque ela pulsa como a grande batida vermelha de um coração, do outro lado de todas as coisas. Que, se você fechar os olhos, é possível sentir a vibração embaixo das solas dos pés: *tum, tum, tum*. A magia só está muito mais bem-comportada do que costumava ser.

Nos dias de hoje, as pessoas mais respeitáveis nem conseguem acender uma vela com bruxaria, mas nós, os pobres, ainda praticamos aqui e ali. Como diz o ditado: *o sangue de bruxa corre espesso nos esgotos*. Em nossa terra natal, todas as mães ensinam às filhas alguns encantamentos, para impedir que a panela de sopa transborde quando ferve ou para fazer as peônias florescerem fora da estação. Todos os pais ensinam os filhos a enfeitiçarem os cabos dos machados, para impedir que quebrem, e os telhados, para prevenir goteiras.

Nosso pai nunca nos ensinou merda nenhuma, a não ser o que uma raposa ensina às galinhas — a correr, a estremececer, a sobreviver a um canalha —, e nossa mãe morreu antes de poder nos ensinar qualquer coisa. Mas tínhamos Mama Mags, nossa avó materna, e ela não perdeu tempo com panelas de sopa e flores.

O clérigo em nossa terra natal diz que foi a vontade de Deus que expurgou as bruxas do mundo. Que as mulheres são pecadoras por natureza, e que a magia nas mãos delas se transforma naturalmente em podridão e ruína, como aconteceu com a primeira bruxa, Eva, que envenenou o Jardim do Éden

e condenou a raça humana; como aconteceu com as filhas das filhas dela, que envenenaram o mundo com a peste. O clérigo fala que os expurgos purificaram a terra e nos guiaram para a era moderna das metralhadoras e barcos a vapor, e que os povos indígenas e os africanos deveriam nos agradecer de joelhos por termos os libertado de suas próprias magias cruéis.

Mama Mags dizia que isso tudo é uma grande merda, e que a maldade é como a beleza: está nos olhos de quem vê. Que a bruxaria propriamente dita é apenas uma conversa com aquela batida vermelha, para a qual só são necessárias três coisas: a vontade de escutá-la, as palavras para falar com ela, e o caminho para libertá-la no mundo. A vontade, as palavras e o caminho.

Nossa avó nos ensinou que tudo o que é importante vem em três: porquinhos, cabritos rudes, chances de adivinhar nomes impossíveis de serem adivinhados. Irmãs.

Havia três irmãs Eastwood: eu, Agnes e Bella, então pode ser que nossa história seja contada como se fosse um conto de bruxas. *Era uma vez três irmãs.* Acho que Mags iria adorar. Ela sempre repetia que ninguém dava atenção o suficiente aos contos de bruxas e coisas do tipo, às histórias que as avós contam aos seus netinhos, às rimas secretas que as crianças entoam entre si, às canções que as mulheres cantam enquanto trabalham.

Ou, talvez, nem pensem em contar a nossa história porque ela ainda não terminou. Talvez nós três sejamos apenas o começo, e toda a confusão e a bagunça que fizemos foi só o primeiro golpe da pederneira, a primeira chuva de fagulhas.

Ainda não existe essa coisa de bruxas.

Mas vai existir.





PARTE

UM



AS IRMÃS  
EXCÊNTRICAS





*Uma teia emaranhada deve trançar  
Quando seu desejo for ludibriar.*

*Feitigo usado para distrair e amedrontar.  
São necessários uma teia de aranha colhida  
na lua nova e um dedo aferroado.*

**E**ra uma vez três irmãs.

James Juniper Eastwood era a mais nova, com cabelos tão revoltos e pretos quanto as penas de um corvo. Era a mais selvagem das três. A irmã perspicaz, a irmã feroz, aquela com as saias rasgadas, os joelhos ralados e um brilho verde nos olhos, como a claridade do verão que passa através das folhas. Ela sabia onde ficavam os ninhos de bacurau e as tocas de raposa, e era capaz de encontrar o caminho de casa à meia-noite, na lua nova.

Mas no equinócio da primavera de 1893, James Juniper está perdida.

Ela sai do trem mancando, as pernas ainda formigando do chacoalhar e da agitação da viagem, apoiando-se pesadamente em sua bengala de cedro vermelho, sem saber em qual direção seguir. O plano dela tinha apenas dois passos: primeiro, *correr*; segundo, *continuar correndo*. Agora ela está a mais de 300 quilômetros de distância de casa, sem nada, a não ser algumas moedas, uns truques de bruxa nos bolsos e nenhum lugar aonde ir.

Juniper oscila na plataforma, recebendo empurrões e esbarrões de pessoas que têm muitos lugares aonde ir. A fumaça que sai do motor sibila e ro-dopia, enrolando-se ao redor das saias dela como se fosse um gato. Cartazes e anúncios tremulam nas paredes. Um deles é uma lista de leis da cidade de Nova Salem e das sanções associadas à desordem urbana, profanação, libertinagem, indecência e vadiagem. Um outro mostra uma Estátua da Liberdade que parece irritada, com o punho erguido no ar, e convida **TODAS AS MULHERES QUE ESTÃO CANSADAS DA TIRANIA** a comparecerem ao comício da Associação de Mulheres de Nova Salem, na Praça St. George, às 18h do equinócio.

Um terceiro cartaz mostra o rosto borrado em preto e branco da própria Juniper, acima das palavras **SRTA. JAMES JUNIPER EASTWOOD. DEZESSETE ANOS DE IDADE. PROCURADA POR ASSASSINATO E SUSPEITA DE BRUXARIA.**

*Inferno.* Devem tê-lo encontrado. Ela havia pensado que, ao colocar fogo na casa, deixaria as coisas menos evidentes.

Juniper encara os próprios olhos no cartaz e puxa o capuz de sua capa um pouco mais para o alto.

Botas retumbam pesadamente pela plataforma: um homem em um impecável uniforme preto caminha na direção dela, batendo o cassetete na palma da mão, os olhos semicerrados.

Juniper abre seu melhor sorriso inocente para ele, a mão suando ao segurar a bengala.

— Bom dia, senhor. Estou indo em direção à... — Ela precisa de um objetivo, de algum lugar para ir. Seus olhos relanceiam para o cartaz com a Estátua da Liberdade irritada. — À Praça St. George. O senhor poderia me dizer como chego até lá?

Ela força seu melhor sotaque interiorano, unindo as vogais como se fossem uma poça de mel derramado.

O guarda a olha de cima a baixo: cabelo espevitado roçando sua mandíbula, nós dos dedos meio sujos, botas lamacentas. Ele resmunga uma risada cruel.

— Santo Deus, até as caipiras querem votar.

Juniper nunca havia pensado muito em votar, ou no sufrágio, ou nos direitos das mulheres, mas o tom do guarda a faz erguer o queixo.

— Isso é crime?

Somente depois que as palavras disparam de sua boca é que Juniper reflete sobre a própria imprudência ao contrariar um agente da lei. Especialmente quando há um cartaz com o rosto dela logo atrás da cabeça do guarda.

*Com esse seu temperamento você vai acabar queimada na maldita fogueira, dizia Mama Mags para ela. Uma mulher sábia guarda sua chama dentro de si. Mas Bella era a irmã sábia, e ela saiu de casa há muito tempo.*

O suor faz a nuca de Juniper arder, mordaz como a urtiga. Ela observa as veias no pescoço do guarda ficarem roxas, percebe os brilhantes botões prateados tensionarem no peito dele, e desliza as mãos para dentro dos bolsos de suas saias. Seus dedos encontram um par de tocos de velas e uma varinha de resina de pinheiro, o prego de uma ferradura e um emaranhado prateado de teia de aranha, além de um par de dentes de cobra que Juniper jura que não usará de novo.

O calor se reúne nas palmas de suas mãos. As palavras aguardam em sua garganta.

Talvez o guarda não a reconheça com o cabelo tão curto e o capuz puxado bem para cima. Talvez ele apenas grite e bata o pé como um galo encenqueiro e deixe-a ir. Ou talvez ele a arraste até a delegacia, e ela acabará balançando num cadafalso em Nova Salem, a marca da bruxa desenhada em seu peito em um cinza viscoso. Juniper não quer esperar para descobrir.

*A vontade.* O calor sobe fervilhando por seus pulsos, movendo-se devagar, como se uísque corresse por suas veias.

*As palavras.* Elas queimam sua língua conforme ela as sussurra para o tumulto e o barulho da estação de trem.

— Uma teia emaranhada deve trançar...

*O caminho.* Juniper aferroa o dedão no prego e aperta com força a teia de aranha.

Ela sente a magia disparar pelo mundo, um chuvisco de brasas que vem de alguma grande fogueira invisível, e o guarda arranha o próprio rosto. Ele pragueja e balbucia, como se tivesse tropeçado de cara em uma teia de aranha. Transeuntes apontam e começam a rir.

Juniper consegue escapar enquanto o guarda ainda está esfregando os olhos. Depois de passar por uma lufada de fumaça, por uma multidão de trabalhadores da via férrea que estava de passagem, as marmitas do almoço balançando ao lado deles, ela consegue atravessar as portas da estação. Juniper corre em seu melhor estilo coxo, a bengala batendo contra os paralelepípedos.

Quando era mais nova, Juniper havia imaginado que Nova Salem fosse algo como o Paraíso, se no Paraíso houvesse bondes e lamparinas a gás — reluzente, limpa e suntuosa, bem distante do pecado da Velha Salem —, mas agora ela acha a cidade fria e apagada, como se toda essa existência imaculada houvesse drenado o brilho de tudo. Os prédios são cinzentos e sombrios, sem um *único* vaso de flores ou cortinas de chita espreitando das janelas. As pessoas também são cinzentas e sombrias, suas feições sugerindo que cada uma delas está a caminho de uma tarefa urgente, mas incômoda, com colarinhos engomados e saias abotoadas com firmeza.

Talvez seja a ausência de bruxaria. Mags dizia que a magia atrai uma certa quantidade de bagunça, e que era por isso que as madressilvas cresciam três vezes mais rápido ao redor da casa dela, e passarinhos de cantos melódiosos se empoleiravam debaixo do beiral do telhado independentemente da estação. Em Nova Salem — a Cidade Sem Pecado, onde os bondes saem na hora certa e todas as ruas têm nomes de Santos —, os únicos pássaros são os pompos, e o único verde *é o leve brilho do lodo nas sarjetas*.

Um bonde sacoleja a alguns centímetros dos dedos dos pés de Juniper, e o condutor pragueja contra ela. Juniper pragueja de volta.

Ela continua avançando porque não há onde parar. Não há tocos cheios de musgo ou bosques de pinheiros azuis. Cada esquina e cada escadaria estão repletas de pessoas. Trabalhadores e empregadas domésticas, padres e policiais, cavalheiros com relógios de bolso, damas com chapéus largos, crianças vendendo pães doces, jornais e flores murchas. Juniper tenta pedir informações duas vezes, mas as respostas são confusas e enigmáticas (siga pela Rua St. Vincent até a esquina da Quarta Rua com a Winthrop, atravesse o rio Espinheiro e siga em frente). Em apenas uma hora, ela já foi convidada para uma partida de pugilismo, abordada por um cavalheiro que queria debater a relação entre o equinócio e o fim dos tempos, e ainda recebeu um mapa que não possui nenhuma marcação a não ser as de 39 igrejas.

Juniper encara o mapa em sua mão — intrincado, estranho e inútil — e quer desesperadamente ir para casa.

Lar são os quase 10 hectares a oeste do rio Big Sandy. São os cornisos florescendo como pérolas rosadas nas profundezas das florestas, e o cheiro

penetrante das cebolinhas sob os pés, o terreno repleto de vegetação onde o velho celeiro pegou fogo, e a encosta da colina tão verde, úmida e viva, que faz os olhos de Juniper doerem. Lar é o lugar que pulsa como um segundo coração atrás de suas costelas.

No passado, lar eram suas irmãs. Mas as duas foram embora e nunca mais voltaram — nunca enviaram nem mesmo um cartão-postal de dois centavos —, e agora Juniper também não voltará.

Uma fúria vermelha cresce em seu peito. Juniper amassa o mapa em seu punho e continua andando, porque as opções que ela tem são correr ou colocar fogo em alguma coisa, e isso ela já fez.

Juniper caminha cada vez mais depressa, tropeça um pouco com a perna ruim e empurra com os ombros para ultrapassar grandes alvoroços e pelerini-nes elegantes, seguindo apenas as próprias batidas de seu coração e, talvez, um fio muito tênue de algo a mais.

Ela passa por boticários, mercearias e uma loja inteira só de sapatos. Uma outra só de chapéus, com uma vitrine cheia de cabeças sem rostos cobertas por renda, espuma e bugigangas. Um cemitério que se estende como se fosse uma cidade à parte, atrás de uma alta grade de ferro, com o gramado bem aparado e as lápides eretas como soldados de pedra. Os olhos de Juniper são atraídos para a enferrujada e estéril área das bruxas no canto do cemitério, onde as cinzas das que foram condenadas são salgadas e espalhadas. Nada cresce nessa parte, a não ser um único espinho-de-vintém, seu tronco tão protuberante quanto o nó de um dedo.

Juniper atravessa uma ponte que se estende sobre um rio da cor de molho de carne estragado. A cidade ao redor dela se torna cada vez mais alta e cinzenta, a claridade engolida por edifícios de calcário com abóbadas e colunas, e homens uniformizados guardando as entradas. Até os bondes se comportam melhor aqui, deslizando sobre suaves trilhos.

A rua desemboca em uma praça ampla. Tílias alinham-se em suas margens, podadas numa mesmice artificial, e pessoas se amontoam no centro do lugar.

— ...por que, perguntamos, nós mulheres deveríamos esperar nas sombras, enquanto nossos pais e nossos maridos determinam nossos destinos? Por que nós, mães amorosas, irmãs queridas, filhas preciosas, deveríamos ser impedidas de usufruir do mais fundamental dos direitos: o direito de votar?

A voz é urgente, incisiva e alta, erguendo-se acima dos ruídos da cidade. Juniper vê uma mulher de pé no meio da praça usando uma peruca branca ondulada, como se houvesse algum animal pequeno e infeliz pregado em sua cabeça. Uma estátua de bronze do Santo George a encara de cima, e mulheres reivindicam perto da moça, agitando cartazes e placas.

Juniper deduz que, no fim das contas, encontrou a Praça St. George e o comício da Associação de Mulheres de Nova Salem.

Ela nunca vira uma sufragista ao vivo e em cores. Nas tirinhas de domingo, elas são desenhadas com cabelos desgrenhados e narizes compridos,



suspeitosamente semelhantes a bruxas. Mas essas mulheres da praça não se parecem muito com bruxas, e sim com as modelos das propagandas do sabonete Ivory, todas estufadas, brancas e sofisticadas. Seus vestidos estão passados e plissados, seus chapéus são ornados com plumas, seus sapatos elegantes estão lustrados.

Conforme Juniper empurra a multidão ao avançar, as mulheres abrem caminho para ela, observando de esguelha o ritmo mareado de seu modo de andar, a lama do Condado do Corvo ainda grudada na bainha de suas saias. Mas Juniper não percebe. Seus olhos estão sobre a pequena mulher estridente aos pés da estátua. Há um crachá no peito da moça, no qual está escrito: *Srta. Cady Stone, presidente da AMNS.*

— Parece que os políticos eleitos discordam da Constituição, que nos garante certos direitos inalienáveis. Parece que o prefeito Worthington discorda até de nosso Deus benevolente, que criou a todos nós igualmente.

Ela continua falando e Juniper continua escutando. A mulher fala sobre a urna eleitoral, a eleição para prefeito em novembro e a importância da autodeterminação. Ela fala sobre os tempos antigos, quando as mulheres eram rainhas, eruditas e cavaleiras. Fala sobre justiça, direitos iguais e cotas justas.

Juniper não consegue acompanhar todos os detalhes — ela parou de frequentar a escola de uma única sala da Srta. Hurston aos 10 anos, porque, depois que as irmãs foram embora, não havia ninguém para obrigá-la a ir —, mas entende o que a Srta. Stone está questionando. Ela pergunta: *Vocês já não estão cansadas? De serem deixadas de lado e descartadas? De se contentarem com migalhas quando, no passado, nós usávamos coroas?*

Ela pergunta: *Vocês já não estão com raiva?*

E, ah, Juniper está. Ela está com raiva da mãe por ter morrido muito cedo, e do pai por não ter morrido antes. De seu primo imbecil por ter ficado com as terras que deveriam ter sido dela. Das irmãs por terem ido embora, e de si mesma por sentir saudades delas. De todo esse maldito mundo de Santos.

Juniper se sente como um soldado com um fuzil carregado, para quem enfim mostraram um alvo no qual ela pode atirar. Sente-se como uma menina com um fósforo aceso, para quem enfim mostraram algo que ela pode queimar.

Há mulheres de pé dos dois lados de Juniper, agitando placas e preenchendo todas as pausas com *é isso mesmo*, seus rostos cheios de um desejo radiante. Por um instante, Juniper finge estar lado a lado com as irmãs de novo, e sente o buraco que elas deixaram para trás, aquelaimensidão tão vazia que nem mesmo a fúria é capaz de preencher.

Ela se pergunta o que as irmãs diriam se pudessem vê-la agora. Agnes ficaria preocupada, sempre tentando ser a mãe que as três não tiveram. Bella faria seis dúzias de perguntas.

Mags diria: *Garotas que saem atrás de problemas geralmente os encontram.*

O pai delas diria: *Não se esqueça do que você é, garota.* Em seguida, ele a jogaria na escuridão carcomida por vermes e sibilaria a resposta: *Nada.*

Juniper não se dá conta de que mordera o lábio até sentir o gosto de sangue. Ela cospe e ouve um fraco assobio conforme o líquido cai, como banha em uma frigideira quente.

O vento se ergue.

Ele se lança pela praça, travesso, tão fresco quanto à meia-noite, agitando as anotações da Srta. Cady Stone. O cheiro do vento é selvagem e doce, meio familiar, como a casa de Mama Mags no solstício. Como terra, carvão e magia antiga. Como as pequenas rosas-silvestres que floresciaam nas profundezas da floresta.

A Srta. Stone para de falar. A multidão agarra os chapéus e os cordões das capas, semicerrando os olhos para cima. Perto de Juniper, uma garota que parece um camundongo protesta com um guarda-chuva de renda, como se pensasse que essa é uma tempestade mundana que pode ser resolvida de maneira mundana. Juniper escuta o som feroz e agudo de corvos e gaios ao longe, e sabe que não é bem assim.

Ela gira, procurando pela bruxa por trás do feitiço...

E as costuras do mundo se rompem.



ANOS



*Açúcar e especiarias  
E tudo o que há de maravilhas.*

*Feitiço usado para acalmar ânimos ruins.  
São necessários uma pitada de açúcar  
e raios de sol da primavera.*

Agnes Amaranth Eastwood era a irmã do meio, com cabelos tão reluzentes e pretos quanto os olhos de um falcão. Era a mais forte das três. A irmã inflexível, a irmã imperturbável, aquela que sabia como trabalhar e continuar trabalhando, tão incansável quanto a maré.

Mas no equinócio da primavera de 1893, Agnes Amaranth está fraca.

O sino para a troca de turnos ressoa e ela se curva diante do tear, ouvindo o tique-taque e o assobio do metal que esfria, e o murmúrio crescente das tecelãs. A poeira do algodão cobre sua língua e faz seus olhos grudarem. Seus membros doem e estalam, exaustos de tantos turnos extras em sequência.

Uma daquelas febres horríveis está se espalhando pelas periferias tumultuosas de Nova Salem, e contamina as pensões e os bares da Babilônia do Oeste; um terço das tecelãs está tossindo sem parar em uma cama no Hospital Santa Caridade. A demanda também está alta porque uma das outras fábricas pegou fogo na semana anterior.

Agnes ouviu falar que mulheres haviam pulado das janelas, caindo nas ruas como cometas deixando um rastro de fumaça e cinzas. A semana inteira ela teve sonhos tingidos de vermelho, repletos do estalo úmido de carne humana queimada; só que a imagem é uma lembrança, e não um sonho, e ela acorda procurando suas irmãs, que não estão lá.

As outras garotas estão saindo, fofocando e se acotovelando. *Você vai para o comércio?* Uma risada ofendida. *Conheço maneiras melhores de desperdiçar o meu tempo.* Agnes já trabalha na Tecelagem Unida dos Irmãos Baldwin há uns bons cinco anos, mas não sabe o nome delas.

Ela tinha o costume de aprender seus nomes. Quando era recém-chegada em Nova Salem, Agnes tinha a tendência de colecionar pessoas perdidas: as garotas muito magrinhas que dormiam no chão da pensão porque não tinham dinheiro para pagar pelas camas, as garotas muito quietas com hematomas ao redor dos pulsos. Agnes acolhia todas debaixo de suas asas mirradas, como se cada uma delas fossem as irmãs que ela deixara para trás. Havia uma garota cujo cabelo Agnes penteava toda manhã antes de ir para o trabalho — trinta escovadas, como costumava fazer com o de Juniper.

Ela havia encontrado trabalho como enfermeira noturna no orfanato Casa dos Anjos Perdidos. Agnes passava longos turnos acalmando bebês que não conseguiam ser acalmados, amando crianças que não deveria amar, sonhando com uma casa enorme, com janelas ensolaradas e camas o suficiente para cada anjinho perdido. Certa noite, ela chegou para trabalhar e descobriu que metade dos seus bebês tinha sido enviada para o oeste, a fim de serem adotados por famílias de colonizadores, ávidas por ajudantes.

Agnes ficou parada entre as camas vazias com as mãos tremendo, lembrando-se do que Mama Mags lhe disse: *Toda mulher desenha um círculo ao redor de si. Às vezes, ela precisa ser a única coisa dentro dele.*

Ela pediu demissão do orfanato, disse para a garota da pensão pentear a droga do próprio cabelo e começou a trabalhar na Irmãos Baldwin. Imaginou que não seria possível amar uma fábrica de algodão.

O sino ressoa novamente e Agnes retira a testa do tear. O chefe do andar lança um olhar cheio de malícia enquanto a fila de garotas passa por ele, esticando a mão para saias e blusas, com dedos que beliscam. Ele não tenta alcançar Agnes. Em seu primeiro turno, o Sr. Malton a havia encurralado atrás dos fardos de algodão — ela sempre foi a mais bonita, com cabelos lustrosos e quadris excelentes —, mas Mags ensinou às netas maneiras para desencorajar esse tipo de merda. Desde então, Sr. Malton reserva seus olhares lascivos para outras mulheres.

Agnes observa enquanto a garota nova se retrai ao passar por ele, os ombros curvados de vergonha. Ela desvia o olhar.

O ar do beco tem um gosto limpo e claro depois da escuridão úmida da fábrica. Agnes vira a oeste, subindo a Rua St. Jude em direção a sua casa — bem, não é uma casa, apenas o quartinho mofado que ela aluga na pensão Oráculo do Sul, que cheira a repolho cozido, não importa o que ela prepare —, até que vê um homem esperando na esquina.

Cabelo liso severamente penteado para o lado, mãos nervosas apertando o gorro. Aparência saudável, unhas limpas, queixo trêmulo que não se nota de primeira: Floyd Matthews.

*Ah, inferno.* Os olhos dele estão suplicantes, a boca meio aberta para chamar o nome dela, mas Agnes fixa o olhar nos cordões do avental da mulher à sua frente e espera que o rapaz apenas desista, que encontre outra tecelã para desejar.

Uma bota surrada aparece em seu caminho, seguida por uma mão estendida. Ela queria não se lembrar tão precisamente de como era sentir essa mão em sua pele, macia e suave, sem cicatrizes.

— Aggie, querida, fale comigo.

Por que é tão difícil chamar uma mulher pelo nome completo? Por que os homens sempre a querem dar algum nome menor e mais doce do que aquele dado por sua mãe?

— Eu já lhe dei minha resposta, Floyd.

Ela tenta contorná-lo, mas ele coloca as mãos nos ombros de Agnes, implorando.

— Não entendo! Por que você me rejeitaria? Eu poderia tirar você desse lugar — Floyd acena com sua mão macia, indicando os becos sombrios e os tijolos cobertos de fuligem do lado oeste da cidade — e torná-la uma mulher honesta. Poderia lhe dar qualquer coisa que você quisesse!

Ele parece desnorteado, como se sua proposta fosse uma equação matemática e Agnes lhe houvesse dado a resposta errada. Como se ele fosse um bom garoto que ouviu um *não* pela primeira vez em sua bela vida.

Agnes suspira para ele, ciente de que as outras tecelãs estão parando no meio da rua, virando-se a fim de olhar para eles.

— Você não pode me dar o que eu quero, Floyd.

Ela não sabe o que quer exatamente, mas sabe que não é Floyd Matthews ou o pequeno anel de ouro dele.

Floyd dá-lhe uma pequena sacudida.

— Mas eu *amo* você!

Ah, Agnes duvida bastante disso. Ele ama pedaços dela — o azul-trovão de seus olhos, o intenso brilho do luar de seus seios na escuridão —, mas Floyd nem mesmo conheceu a maior parte de Agnes. Se despisse a linda pele dela, nunca encontraria nada macio ou doce, apenas vidro estilhaçado, cinzas e a desesperadora vontade animalésca de permanecer viva.

Agnes retira gentilmente a mão de Floyd de seus ombros.

— Desculpe.

Ela desce a Rua St. Mary a passos largos, a voz dele erguendo-se atrás dela, suplicando desesperado. Logo os apelos dele se transformam em crueldade. Floyd a amaldiçoa, a chama de bruxa, de prostituta, e de centenas de outros nomes que ela aprendeu primeiro com o pai. Ela não olha para trás.

Uma das outras trabalhadoras da tecelagem, uma mulher larga com um forte sotaque, oferece à Agnes um aceno de cabeça quando ela passa, e resmunga “*humf, rapazes*”, no mesmo tom que usaria para dizer “pulgas” ou “mijadela”, e Agnes quase sorri para a mulher antes de se conter.

Ela continua andando, e sonha enquanto caminha: uma casa que seja sua, tão grande que terá camas extras só para hóspedes. Ela escreverá outra carta para sua irmãzinha: *Você tem um lugar para onde fugir, se quiser*. Talvez dessa vez a irmã respondesse. Talvez as duas pudessem ser uma família de novo.

É um sonho estúpido.

Agnes aprendeu muito nova que se tem uma família até não ter mais. Que é possível cuidar das pessoas até não ser mais capaz, até precisar escolher entre ficar e sobreviver.

Quando ela se vira na direção da Oráculo do Sul, a pensão está toda iluminada, barulhenta com a conversa noturna das trabalhadoras e das mulheres solteiras. Agnes descobre seus pés carregando-a para além da pensão, mesmo sentindo as costas aflitas, o estômago enjoado e os seios pesados e doloridos. Ela serpenteia pela Travessa da Fiandeira e desce a Avenida da Santa Lamentação, e deixa as fábricas, os cortiços e as três dúzias de línguas da Babilônia do Oeste para trás, atraída por um puxão estranho e meio imaginário atrás das costelas.

Agnes compra uma torta quente em um carrinho. Uma quadra depois, ela joga a comida fora, sentindo o ácido do estômago na garganta.

Ela segue em direção à parte residencial da cidade, sem realmente admitir tal fato para si mesma. Agnes atravessa o Espinheiro, e os prédios se tornam maiores e mais afastados, os anúncios desbotados e os cartazes esfarrapados substituídos por pôsteres de campanha recentes: *Vote Clement Hughes para uma Salem Mais Segura! Vote Gideon Hill: Nossa Luz Contra a Escuridão!*

Ela acaba ficando atrás de um grupo de mulheres de lábios cerrados, que usam faixas brancas com as palavras UNIÃO DAS MULHERES CRISTÃS bordadas de um lado e MULHERES SEM PECADO do outro.

Agnes já ouvira falar delas. Estão sempre perturbando bruxas de rua e tentando salvar garotas do bordel, quer elas queiram ser salvas ou não (na maioria das vezes, não). A líder do grupo é chamada de Pureza, ou Graça, ou algo parecido — uma dessas virtudes características de damas. Agnes imagina que é a mulher caminhando lá na frente — esbelta, de luvas brancas, os cabelos amontoados num penteado bufante, no perfeito estilo Garota Gibson, o ideal da beleza feminina —, com uma expressão no rosto que sugere que ela é a irmã puritana de Joana d'Arc. Agnes apostaria um dólar prateado que a criada dela usa um tantinho de bruxaria para manter aquele vestido desamassado e o penteado arrumado.

Ela se pergunta o que Mama Mags diria se pudesse vê-las. Juniper rosna-ria. Bella estaria com o nariz enfiado em um livro.

Agnes não sabe por que está pensando nas irmãs. Ela não fazia isso há anos, não desde o dia em que desenhara seu próprio círculo e as deixara do lado de fora dele.

A rua termina na Praça St. George, cercada pela Prefeitura e pela Universidade, e as damas de faixas brancas começam a marchar ao redor do lugar, entoando versículos da Bíblia e olhando com raiva para as sufragistas no centro da praça. Agnes deveria dar meia-volta e retornar para a Oráculo do Sul, mas protela.

Uma mulher com uma peruca branca discursa sobre os direitos das mulheres, os votos das mulheres e a história das mulheres, sobre assumir o manto de nossas antepassadas e marchar adiante, de braços dados.

E, que os Santos a salvem, Agnes desejava que isso fosse verdade. Que ela pudesse apenas agitar uma placa, ou gritar um slogan, e entrar em um mundo melhor, um no qual pudesse ser mais do que filha, ou mãe, ou esposa. No qual pudesse ser alguma coisa em vez de nada.

*Não se esqueça do que você é.*

Mas Agnes não acredita em contos de bruxas desde que era uma menininha.

Ela se vira, voltando na direção da pensão, quando o vento açoita as laterais de suas saias e puxa seu cabelo até soltá-lo da trança.

O cheiro do vento é estranho, verde, nada parecido com o da cidade. Faz Agnes se lembrar do aroma do interior escuro da casa de Mama Mags — cheio

de ervas e ossos de pequenas criaturas pendurados —, o de rosas-silvestres na floresta. O vento a puxa, procurando ou perguntando, e seus seios doem em uma estranha resposta. Algo úmido e gorduroso molha a frente de seu vestido e pinga nos paralelepípedos abaixo. Um líquido da cor de osso e pérola.

Ou... de leite.

Agnes encara as gotas salpicadas como uma mulher que observa uma caruagem desgovernada prestes a se chocar contra ela. Datas e números movem-se devagar atrás de seus olhos conforme ela faz as contas, desde o dia em que Floyd se deitou ao seu lado no escuro, a palma da mão deslizando suavemente pela barriga dela, rindo. *Qual é o problema, Aggie?*

Problema nenhum. Para ele.

Antes que Agnes possa fazer mais do que amaldiçoar, de todas as maneiras possíveis, Floyd Matthews e suas mãos macias, o calor começa a queimar sua espinha dorsal. Ele lambe o pescoço dela, subindo como se fosse uma febre.

A realidade se divide.

Um buraco irregular paira no ar, e o vento furioso move-se depressa por ele. Do outro lado, um novo céu cintila na escuridão, como um vislumbre de pele através de um tecido rasgado. E então, o buraco começa a crescer, rasgando-se largamente e permitindo que o outro céu se derrame pela abertura. O anoitecer cinzento de Nova Salem é engolido pela noite salpicada de estrelas.

Dentro dessa nova noite, ergue-se uma torre.

Antiga, meio corroída pelas rosas e trepadeiras que vão subindo, mais alta do que o Tribunal de Justiça ou a Universidade em ambos os lados da praça. Árvores sombrias e nodosas a cercam, parecendo as primas ferozes das tílias enfileiradas caprichosamente, e o céu acima da torre se enche com retalhos escuros de asas.

Por um momento, a praça cai em um silêncio sinistro e frágil, hipnotizada pelas estranhas estrelas e pelos corvos que voam em círculos. Agnes arqueja, seu sangue ainda fervendo, seu coração se erguendo inexplicavelmente.

Então, alguém grita. O silêncio se estilhaça. A multidão se lança na direção de Agnes em uma horda de gritos, saias e chapéus segurados com firmeza. Agnes retesa os ombros e envolve os braços ao redor da cintura, como se fosse capaz de proteger a coisinha frágil criando raízes dentro dela. Como se quisesse protegê-la.

Ela deveria se virar e acompanhar a multidão, deveria fugir daquela torre estranha e de qualquer que seja o poder que a invocou até aqui, mas Agnes não o faz. Em vez disso, ela cambaleia rumo ao centro da praça, seguindo um puxão invisível...

E o mundo remenda a si mesmo.

